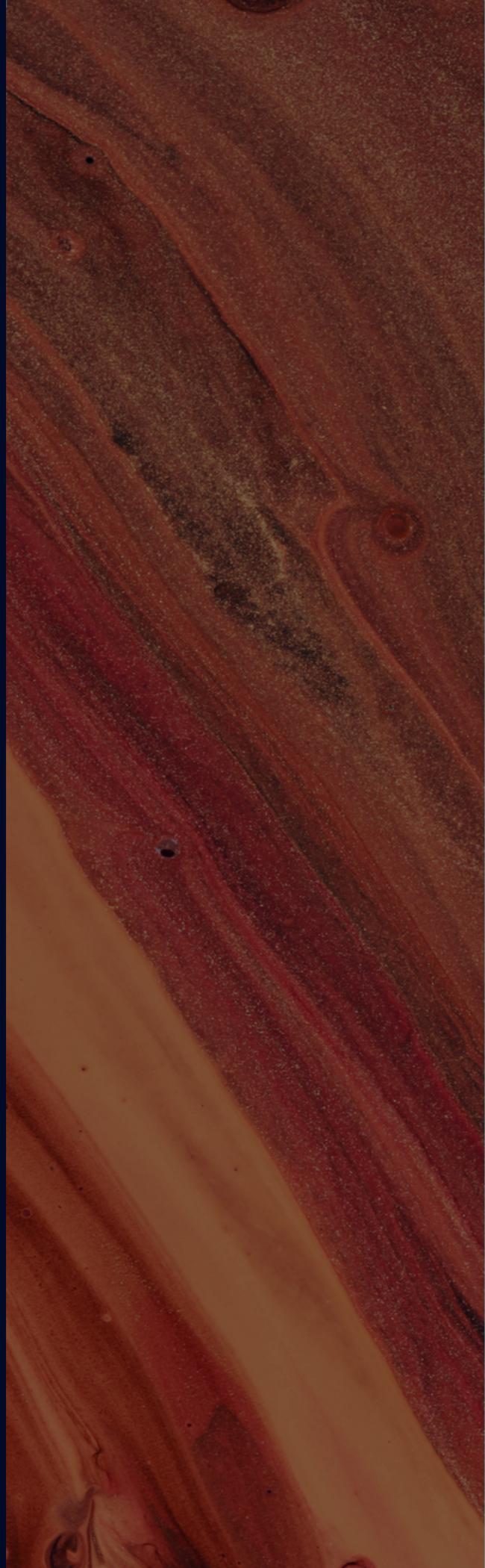


A Perfeição
do
Desastre

Rodrigo G. Sousa



Autor: Rodrigo G. Sousa
Gênero: Romance
2ª edição

Livro não indicado para menores de 16 anos

*Dedico esse livro a todos os
sonhadores que sonham
e lutam pelo sonho
mesmo que ninguém*

concorde com a escolha

Prólogo

Na vida sabemos que temos diversos momentos nos quais preferimos acreditar na ilusão do que na realidade, mas não foi isso o que aconteceu.

Foi um caso de amor intenso que queimava feito fogo e álcool. Teve um final bom? Caro leitor, você que dirá se tudo terminará bem ou mal, apenas darei as pistas.

Uma coisa garanto a todos vocês: juro por Deus que Miliany é uma das garotas mais doces que você vai encontrar.

Esse livro me custou quase um ano para que eu o terminasse e depois de diversas frustrações aqui está *A Perfeição do Desastre*.

Nesse livro o desejo é enorme, mas as palavras são comuns, nada de tão extraordinário.

Apreciem!

Capítulo 1

O calor da tarde me sufocava. Me sento num sofá, ligo a televisão e em seguida vou para a cozinha procurar comida. Escuto um som vindo perto da porta da sala, percebo então que foi só um delírio. Vou até a minha cama e caio sobre ela; apago de sono.

Acordei; percebi que se passaram duas semanas e permanecia sem fome. Novamente fui para a cozinha. Pouco tempo depois escuto um som vindo do lado de fora da casa; olho pela janela; logo vejo uma garota plantada em frente a porta.

— Olá! Percebi que você é novo na vizinhança... Podemos conversar? – pergunta a garota olhando para cima com um sorriso simpático.

Me mantive em silêncio e fui abrir a porta.

— Oi, qual o seu nome? — a perguntei.

— *Oi?* Que forma mais seca de se receber uma dama — disse ela com um tom de brincadeira.

— Desculpe-me o meu jeito de falar — respondi com um sorriso no rosto – Olá, qual o seu nome?

— Ah, bem melhor! - respondeu-me rindo – Meu nome é Miliany. Nos abraçamos e logo depois a convidei para almoçar.

— Ah, me esqueci de te perguntar... – disse Miliany – Qual o seu nome?

— O meu? Rafael – respondi.

Fiquei olhando o seu rosto e admirando sua beleza. Miliany é uma garota muito linda; tem olhos castanhos, cabelos cacheados e ruivo.

— O que foi? - perguntou ela lançando um sorriso viciante para mim.

— Na... Nada – respondi constrangido e com as minhas mãos trêmulas.

Peguei os ingredientes para preparar a comida e ela ficou me assistindo (isso me deixou mais nervoso ainda).

Na hora em que a comida fica pronta a aviso imediatamente. Ela vem até mim e logo depois, segura a minha mão lançando um olhar profundo e sedutor.

— Vamos almoçar? - pergunta ela disfarçando.

— Sim! - respondi como se nada tivesse acontecido.

Fomos almoçar. Servi os pratos e logo depois me sentei. Miliany deu uma garfada na comida e colocou na boca.

— Hum! - Miliany exclamou.

— O que houve? - perguntei espantado.

— A comida está maravilhosa! – ela responde com entusiasmo.

— Ah, muito obrigado! – respondi com certa delicadeza e sorrindo.

Logo depois do almoço, lavei a louça e depois fui para a sala de estar; encontrei Miliany sentada no sofá e logo depois me sentei do lado dela. Ela deitou a cabeça no meu peito e então a abracei. Ficamos vendo televisão juntos.

Passadas 2 horas percebo que Miliany está dormindo no meu peito como se nós dois fossemos namorados. São 4 da tarde. Não consegui decifrar se era tudo um delírio ou se era real. Bem... se já se passaram duas horas e ela permanece aqui comigo acho que isso seria um sinal de que isso é realidade e talvez um possível romance.

Miliany acorda. Um pouco desorientada, mas desperta.

— Ah não... – Miliany disse ainda um pouco sonolenta.

— O que aconteceu? – pergunto para ela.

— Eu não devia... Merda, eu não devia ter ficado aqui! - disse Miliany.

— Por que não devia? – perguntei rindo um pouco com um leve toque de malícia.

— Olha, eu mal te conheço, não sei nem por quê eu estou aqui – respondeu ela com desespero.

Olho para ela com certo espanto; logo após minha expressão volta ao normal.

— Tenho que ir. Tchau, Rafa! – me responde ela.

— Tchau, Miliany.

Ela vai embora e fecha a porta.

— É... parece que é só eu e Deus de novo – falei comigo mesmo com um tom dramático.

Fui para o meu quarto, peguei o meu celular e sorri enquanto lembrava dos momentos em que passei com ela. Deitei na minha cama e adormeci.

Acordei no dia seguinte; era Sábado. Mande uma mensagem para Miliany perguntando se podíamos nos encontrar numa praça; ela respondeu que sim.

Tendo me arrumado fui para a praça e a encontrei.

— Oi, Rafael – disse Miliany me cumprimentando com um olhar um pouco melancólico.

— Oi, Miliany – eu disse cumprimentando ela e a abraçando.

— Tudo bem com você? – Miliany me perguntou com voz baixa.

— Sim... e com você?

— Tô bem.

— Realmente?

— Tô bem. O que estava querendo falar comigo?

— Bom... Senti saudade de você – eu disse, rindo.

— Ha. Ha. Ha. - Miliany riu ironicamente e se manteve silenciosa.

Olhei no fundo dos olhos dela e percebi que ela não estava bem.

— Como é que você sentiria a minha falta sendo que eu sou uma desconhecida pra você? – Miliany me perguntou cruzando os braços.

— Qual o meu nome?

— Rafael.

— E você é Miliany, certo?

— Sim. *Grande coisa.*

— Viu? Já não somos completamente desconhecidos – respondi rindo.

Ela permaneceu do mesmo jeito (somente fez uma expressão de desprezo) e foi nesse momento que a abracei com paixão.

— Eu te amo, Miliany. Eu sempre vou te amar. Em algum dia do futuro vamos casar – eu disse para ela com paixão e quase tendo um ataque

cardíaco.

— O que?! – perguntou Milianny espantada.

— Eu disse que te amo – respondi.

— Você deve estar ficando louco. Devia procurar um psiquiatra, isso sim!

Milianny ficou me olhando com uma expressão de raiva e se retirou enraivecida.

— Eu te amo, Milianny!! – gritei para ela que já estava longe.

Quando parei de olhar para ela percebi que todos me olhavam espantados.

— O que houve? – perguntei.

Logo depois tudo voltou ao normal e então peguei um ônibus pra casa.

No caminho encontrei um amigo meu. Andei mais devagar para ele poder me reconhecer. Seu nome era Felipe.

— Fala, Felipe. Meu bom amigo! – eu disse feliz e entusiasmado.

— Fala, Rafa! Quanto tempo! – ele apertou a minha mão retribuindo o entusiasmo.

— Como vai a vida?

— Olha, cara... Arrumei uma mulherzinha pra mim...

— Sério mesmo? – perguntei surpreso – Como ela é?

— Posso te dizer que ela é linda e delicada, mas que mulher maluca essa que arrumei! – me respondeu rindo.

— É, cara... é um problema sério – respondi em tom de brincadeira.

— Mas e você? Como anda a sua vida?

— Anteontem apareceu uma garota na porta da minha casa.

— Tá. O que mais aconteceu?

— Ela começou a conversar comigo... almoçamos juntos, vimos televisão e logo depois ela dormiu com a cabeça sobre meu peito...

— Espera, espera! Você está me dizendo que uma garota aparece na porta da sua casa e simplesmente age como se fosse sua namorada?

— Sim.

— Cara... Corre! Se isso aí não é carência é loucura.

Nós dois rimos como bons amigos.

— É, meu amigo... Olha, eu tenho que ir para uma entrevista de emprego – disse ele interrompendo a risada e olhando para o relógio.

— Eu também. Tenho que voltar pra minha vida normal – eu disse.

— Nos falamos depois?

— Nos falamos depois.

Logo depois apertou a minha mão e seguiu para a entrevista. Já tendo entrado na minha, me sentei no sofá, acendi um cigarro, liguei a televisão e esperei o silêncio me engolir. Passei o resto do dia em casa.

No dia seguinte acordei logo após ter escutado um som vindo perto de mim. Era Miliany.

— Miliany, o que você está fazendo aqui? Como você entrou na minha casa? – perguntei espantado.

— Shhhh. Eu tive mais do que certeza para saber que estou te amando – disse ela com uma voz sedutora e atraente.

Ficamos nos encarando por alguns segundos, os lábios dela se encostaram aos meus e logo em seguida nos beijamos.

— Miliany, você enlouqueceu! – eu disse rindo.

— Escuta, a gente podia fazer alguma coisa hoje... – ela disse mexendo no cabelo.

— Como o que?

— Não sei... sair, explorar o mundo.

— Miliany, você se lembra de que sou um artista pobre, né?

— Lógico que lembro, mas a gente podia arriscar, sabe?

— Sei, mas eu ainda tenho que ver as vendas das minhas pinturas.

— Você e essas suas pinturas...

Percebi que a expressão de Miliany havia mudado. Estava triste.

— Tá. Para onde você quer que eu te leve? – eu disse convencido.

— Para Paris. Imagina só nós dois tendo um jantar romântico com uma vista da Torre Eiffel – ela respondeu com um tom sonhador.

— Você é muito sonhadora. É disso que eu gosto em você.

Ri um pouco e abracei ela.

— É sério – disse ela rindo também.

— Vou pensar a respeito – eu disse olhando no fundo dos olhos dela.

Miliany me beijou novamente e se retirou do meu quarto. Alguns segundos depois fui atrás dela.

— Miliany, eu estava pensando... – falei com uma voz baixa.

— Sim? No que você estava pensando? – perguntou ela.

— Eu não posso te levar para Paris, mas posso te levar para Minas – eu expliquei.

— Tudo bem... Quando vamos?

— Não tenho convicção disso, mas iremos.

Capítulo 2

“Será que sou quem aparento ser? Será que Miliany é quem aparenta ser?”. Essa foi a dúvida cruel que me atormentou naquele dia.

Algumas horas se passaram, mas Miliany permanece na minha casa.

— Miliany, seria essa sua paixão uma obsessão? – perguntei sem emoção.

— Qual o motivo dessa pergunta? – perguntou ela sem entender.

— Você... de uma pra outra passa a me amar. Sabe? Isso não faz o menor sentido.

— Eu entendo o que você quer dizer...

— Seria isso um suposto “amor à primeira vista”?

— Acho que sim.

— Me prove você realmente me ama.

— Como você quer que eu te prove isso?

Me mantive em silêncio e logo depois respirei fundo para me acalmar.

— Talvez essa viagem para Minas ajude a melhorar o nosso relacionamento e também para tirar logo a conclusão – eu disse, pensativo.

— Enfim... que seja – disse ela em maior estado de compreensão e relaxamento.

Miliany se levantou da cadeira em que estava sentada e foi me abraçar.

— Escuta, eu sou uma pessoa normal... Se quiser posso até te mostrar o resultado de qualquer exame que eu já tenha feito... – disse ela olhando no fundo dos meus olhos.

Depois de ter passado alguns minutos saí para comprar as passagens para Juiz de Fora. No caminho encontrei Felipe.

— Vai pra casa, rapaz. Tá fazendo o que aqui?

— Vim aqui para comprar uma passagem para Minas – respondi.

— E a sua “namorada”? Ela está bem?

— Ela está, mas ando desconfiando dela.

— Por que?

— Como uma garota consegue se apaixonar por mim sendo que nem sequer me conhece direito?

— De uma coisa estou certo: o amor é um sentimento que vai além da compreensão humana.

Voltei para casa com a passagem e pensando sobre o que Felipe tivera falado comigo.

— Oi, amor. O que você foi fazer? – perguntou Milianny indo até mim.

— Fui comprar a passagem para Minas – expliquei tirando a minha camisa.

— Olha, Rafa, está um dia de derreter até os ossos e você tira a camisa... Quer me matar de calor?

Olhamos um para o outro e rimos.

— E então? Quando vai ser a viagem? – perguntou Milianny, ansiosa.

— Vai ser depois de amanhã – respondi com serenidade.

— Maravilha! Já vou começar a arrumar as minhas coisas.

Milianny me olhou por um instante e logo depois me deu um abraço profundo.

Fui para a varanda e logo depois sentei-me para observar o movimento suave e devagar das nuvens.

“Seria um engano meu, uma superstição minha ou seria um aviso do meu cérebro?”, penso observando as nuvens.

— Às vezes acho que era melhor eu nem sequer dar atenção pra ela... – sussurrei.

Poucos minutos depois o céu ficou nublado e logo depois caiu uma das chuvas mais poéticas que já vi. Fiquei assistindo a chuva caindo na varanda e Milianny surgiu me abraçando por trás.

— O clima está perfeito para nós dois ficarmos juntos – disse Milianny com uma voz suave e delicada.

Eu respiro profundamente e balanço e cabeça em sinal de concordância.

— Venha. Vamos sair daqui senão alguém vai sair daqui doente – disse ela segurando a minha mão e puxando-me para fora da varanda.

Fomos direto para a cozinha e Miliany finalmente soltou a minha mão.

— Para comemorar a nossa ida para Juiz de Fora vamos fazer comida mineira – disse ela com tamanho entusiasmo que me assustava.

— Como talvez você já tenha observado, eu não sou um bom cozinheiro – eu disse, rindo.

— Ah, pare com isso... então, você fica responsável pelo Romeu e Julieta. Corta em vários pedaços.

Rimos e logo depois balancei a cabeça para confirmar de que eu estava disposto a cozinhar.

Depois de aproximadamente duas horas fomos almoçar.

— Agora vou experimentar a comida do gênio da culinária! – disse Miliany em tom de brincadeira.

— Ora essa. Eu não sou isso tudo! – eu respondi com um sorriso no rosto.

Miliany deu uma garfada na comida e em seguida me olhou.

— Como você ousa dizer que não é nenhum bom cozinheiro? – pergunta ela surpresa.

— Miliany, sinta-se à vontade para dizer o que realmente achou da minha comida – eu disse rindo.

— Rafa, você é maravilhoso.

— Por que?

— Você é lindo, criativo, romântico e ainda cozinha bem... Você é um sonho meu que se realizou.

Nos olhamos com uma paixão fervorosa por alguns instantes.

— Vamos comer? – perguntou Miliany desviando o olhar.

Durante o almoço conversamos sobre os mais variados assuntos. Passamos o dia todo juntos planejando e “prevendo” o futuro feliz que ainda estava por vir.

Logo após essa cena aguardava eu o cansaço me devorar; me sentei ao sofá. Miliany veio até mim e deitou sua cabeça ao meu ombro e então ficamos assistindo televisão juntos.

Sábado, é um dia ensolarado sem nuvens no céu. “*Quando é que esse ônibus vai chegar?*”, “*Mal posso esperar para encontrar com ele...*”, “*Já viu o preço das coisas aqui?! É um roubo!!*”; essas eram as frases que eu escutava durante a minha árdua espera pelo ônibus na rodoviária. Miliany me sorri e logo depois me abraça.

— Esse ônibus está demorando um pouco, não acha? – pergunto para Miliany.

— Um pouco... – ela me responde com seu olhar delicado que me dilacerava.

Depois de passados vários minutos finalmente a gloriosa chegada do ônibus.

— Olha, o ônibus chegou! – aviso para Miliany.

Mostro todas as documentações possíveis para o motorista (CPF, carteira de identidade, RG...) e Miliany, idem. Entramos no ônibus... Poltronas 16 e 17.

— Vai ser uma viagem longa... – digo para Miliany com tamanha convicção que soava vir de outra pessoa.

Durante a viagem silenciosa (ou quase) observei a natureza, os outdoors que induziam para específico ato. Foi uma viagem romântica... Se eu tivesse libertado a minha imaginação seria um conto fantasioso.

Capítulo 3

Tendo se passado horas o ônibus chega ao destino: Juiz de Fora. O motorista abre a porta, logo depois me encaminho para onde deixei nossos pertences; Miliany vai atrás. Após ter pegado tudo nos encaminhamos para fora. Chegando no local acabo por me perder diante de tamanha diferença entre Niterói e Juiz de Fora.

— Aqui estamos nós... Em Juiz de Fora – disse Miliany, entusiasmada.

Eu a abracei e então fomos para um edifício próximo.

— Olá, boa tarde. Quanto que é a hospedagem por uma semana? – pergunto para a atendente.

— 560 reais – ela me responde.

Logo após, pego um pouco do dinheiro que arrecadei com a venda de umas pinturas minhas e pago.

— Aqui está a sua chave. Quarto 56 – ela me informa com gentileza.

— Obrigado – respondo me encaminhando para o quarto.

— De nada!

Chego no quarto e paro as malas perto da porta.

— Lar doce lar! – falo com entusiasmo para Miliany.

Miliany começa a me beijar com tamanha paixão que queimávamos por dentro, logo depois nos despimos pouco a pouco e por fim, transamos.

Na manhã seguinte desperto; Miliany ainda está dormindo...

Me encaminho para a rua que no momento se encontra desértica e silenciosa. Durante a minha caminhada decidi ir para uma padaria perto de onde eu estava.

— Opa, boa tarde! Me dê um pão francês aí, por favor – peço.

Após receber o pão volto para casa. Miliany desperta ao momento em que apareço no quarto.

— Amor, já acordou? – pergunta Miliany, ainda um pouco sonolenta.

— Sim e... eu trouxe uma coisa pra gente – eu disse, sorrindo.

— O que você trouxe? – perguntou ela, se espreguiçando.

— Um pão francês fresquinho e crocante.

— Nossa! Assim eu vou ficar magrinha, hein.

Rimos um pouco e logo depois nos encaramos.

— Vamos? – pergunto, me sentando no canto direito da cama.

Miliany me sorriu e me respondeu: “Vamos!”

— Dormiu bem? – pergunto enquanto ela se levantava.

— Melhor impossível.

Durante o café da manhã me surgiram várias lembranças; até mesmo da infância.

— Aquele amigo meu... O Felipe; ele deve estar sentindo falta de mim lá... acho que depois vou fazer uma chamada de vídeo para ele – falo, aleatoriamente.

— Quem é esse Felipe? – pergunta ela – Acho que não conheço ele...

— Ah é. Real. Acho que não te falei dele ainda... Ele é o meu melhor amigo.

— Ahhh, olha só. Isso é um sinal de que não te conheço ainda.

— Não, Miliany... Você me conhece, só não conhece os meus amigos.

— Ah sim, sei... O que vamos fazer hoje?

— Bom... acho que tem uns lugares interessantes pra se visitar aqui em Juiz de Fora. Quer dizer, eu não sei direito os lugares, então vou dar uma olhada na internet depois.

— Tá bom...

Miliany se levanta e me abraça.

— Te amo, amor – diz ela, com sua voz delicada.

Alguns segundos depois saca o meu celular e pesquiso na internet quais lugares que poderíamos visitar.

— Bom, segundo ao que eu tô vendo aqui tem o Parque da Lajinha... Parece ser bom pra fazer pique-nique.

— Ah, vamos pra lá! Parece ser bom...

— OK! Só me deixa preparar as coisas pra ir pra lá...

Já tendo arrumado tudo que íamos necessitar e o que não era preciso, partimos para o Parque da Lajinha.

Depois de passados minutos enfim chegamos ao destino.

— Nossa! Esse lugar é encantador! – diz Miliany, encantada.

— Há lugares mais encantadores por esse nosso mundo... – eu disse com meu braço direito envolvendo sua cintura.

— Será que poderíamos viajar mais pelo Brasil? Ou pelo mundo, amor?

— Vale lembrar de que eu não sou rico...

— Sim, mas a gente poderia juntar um dinheiro pra poder viajar. Conhecer mais as outras culturas, outros costumes...

— Pensando bem... Pode ser!

— Vamos andando?

— Ah, sim. Vamos!

Seguimos andando pelo Parque observando a beleza que nele habitava.

— Enquanto muitas pessoas preferem ficar vivendo feito robôs num lugar cheio de sujeira e poluição, eu prefiro ficar aqui... nesse silêncio, com essa sensação de natureza. - digo olhando para o chão com a minha mão esquerda no bolso e direita livre.

— Vale te lembrar que a natureza isolada não é essa maravilha toda não – diz Miliany, olhando para o meu rosto introspectivo.

— Como você ousa dizer isso? – perguntei em tom de espanto.

— Pegue como exemplo os animais que sofrem na natureza com a luta pela sobrevivência.

— A questão é: não estamos na *natureza-natureza*.

— Se você fosse morar num lugar distante da civilização, na natureza... Como você acha que ia viver?

— Com silêncio, tranquilidade, ar puro...

— Nem de tudo se faz flores. Vamos imaginar que você precise ir pro mercado ou qualquer outra coisa na qual haja necessidade de entrar em contato com esse “clima poluído”.

— Amor, vale todo o sacrifício para se viver. Você tem um ponto de vista, eu já tenho outro.

Fomos e sentamos num espaço próximo às vegetações.

— Enfim... acho que podemos retomar a nossa conversa – disse Miliany, mexendo no cabelo.

— Eu achei que já tivesse terminado – eu disse.

— Nenhum ponto de vista a mais?

— Até o momento? Não.

— Olha só que maravilha! Dia ensolarado num Parque, com você...

— Os pássaros.

— O que?

— Os pássaros! Escuta só.

Haviam 4 pássaros cantando juntos, eu estava maravilhado e Miliany estava confusa.

— São melodias muito encantadoras que todas somadas ao mesmo tempo soa lindo e abstrato – eu disse, com tom de felicidade.

— Como uma música pode soar linda e abstrata ao mesmo tempo? – Miliany perguntou, confusa.

— A arte vai além do convencional, vai a frente do que é compreensível para qualquer ser humano.

— Nossa, você realmente tá viajando... Imagina se usasse drogas.

— Já dizia o grande Salvador Dali: “Eu não uso drogas, eu sou drogas”.

Miliany riu e desviou o olhar para observar as árvores pequenas.

— Esse é um lugar perfeito para deitar e observar as nuvens no céu... – disse ela, olhando para o céu e logo depois para mim.

— Ainda mais com você, o seu sorriso, a sua boca... – eu disse, com a voz suavizando de pouco em pouco.

— Nossa! Eu acho que nunca me senti tão seduzida! – disse ela, rindo – Eu te amo, Rafael!

Senti uma taquicardia que aumentava cada vez e por vez nossos lábios se encostaram. Nos beijamos.

— Quando conhecerei os seus amigos ou os seus pais? – perguntou ela, se levantando.

— Em breve, minha querida – eu disse, olhando fixamente para os olhos de Miliany.

— Em breve tipo o que?

— Se você quiser eu posso te levar pra conhecer um dos meus amigos amanhã.

— Seria um enorme prazer conhecê-lo.

— Olha, se você entrar e encontrar ele fumando e escutando rap na mor altura, não se assuste.

— Nossa, obrigada por me avisar! – disse Miliany, rindo.

Depois disso ao que minha velha memória não falha se passaram vários minutos; talvez até mesmo uma hora.

— Tô com fome... Vamos comer alguma coisa? – pergunta Miliany, de um jeito quase que aleatório.

— Eu acho que eu trouxe algumas coisas pra comer... Agora a grande questão é onde foi que eu guardei – eu disse, procurando pela minha mochila e revirando os meus pertences – Achei!

— É impressão minha ou isso aí é realmente um sanduíche de atum?

— É sim.

— Nossa, o gosto do sanduíche de atum é como se eu sentisse o sabor da minha infância. Me lembro das tardes de Sábado nas quais eu e a minha mãe saíamos para fazer pique nique, eram bons tempos...

— Já a minha infância foi indiferente; eu vivia trancado dentro de casa, lendo.

— Nossa... Deve ter sido horrível.

— Olha, até que não. A necessidade de aturar um mundo ignorante já não persistia, conheci milhões de histórias e aprimorei a capacidade do meu cérebro.

— Que coisa mais pesada de se dizer!

— Pesado?

Eu, no momento, ri alto e em entonação de sarcasmo

— Me desculpa, mas isso me pareceu uma piada – eu disse, ainda rindo um pouco e enxugando as minhas lágrimas.

— Hm.

No momento senti um leve constrangimento que me consumia. Após o ocorrido voltamos a conversa, esquecendo o meu sarcasmo que já então me matava lentamente.

Após um dia a mais ter se passado chega a noite fria. Fomos de volta para o apartamento de mãos dadas.

Silêncio total, escuridão que cega-me de vez. Enfim, chegamos no nosso destino.

— O que achou do dia de hoje, amor? – perguntou Milianny, tirando a bolsa do ombro dela e arremessando-a na cama.

— Foi definitivamente maravilhoso! – eu disse sacando um cigarro do bolso – Amor, tem isqueiro?

— Tenho. Lá na minha bolsa.

No mesmo instante... Noite fria que congela-me até as espinhas, tabaco quente que aquece-me o rosto.

— Já pensou em algum dia a gente se casar? – perguntou Milianny, tirando os brincos.

— Há muitas coisas ainda que precisam ser analisadas, amor. Entende? – eu disse enquanto transformava o quarto numa verdadeira chaminé.

— Como o que? – perguntou ela, cruzando os braços.

— Vamos olhar bem... talvez por eu te conhecer por pouco tempo?

— E você vai dizer que durante esse tempo ainda não percebeu quem eu sou?

— Milianny, por favor, não responda às minhas perguntas com outra pergunta.

— Quer saber?! Dane-se! Tchau!!

No momento vejo ela ir embora após bater a porta com tamanha intensidade que a janela vibrou-se junta a porta.

— Voltemos ao início de tudo – eu disse para mim.

Alguns segundos depois levanto-me e sigo para a janela. Vejo Milianny sair enfurecida.

— Adormecido acordo de um sono profundo; impossível de ser real... – digo, dando um trago no cigarro.

Logo depois deito-me na cama, apago o meu fatal e único fornecedor de calor bucal e então adormeço num sono profundo digno de nunca mais se acordar.

Desperto; são 5 da manhã, Miliany ainda não deu as caras. Me olho no espelho e observo a movimentação que há na rua.

— Amor? – Miliany pergunta surgindo a porta.

— Miliany. Onde você esteve? – perguntei ainda olhando na janela.

— Não se preocupe que sou fiel a você – diz Miliany sentando-se no canto esquerdo da cama.

— Sim, mas o que você estava fazendo durante a madrugada?

— Fiquei perambulando pelas ruas.

— Mas você sabe que no país em que sobrevivemos não é seguro ficar andando por aí sozinha, né?

— Sim, mas foi tempo suficiente para eu perceber que o nosso relacionamento não se pode deixar morrer por pouca coisa.

Fui até Miliany e então a abracei; ela me beijou na bochecha, depois deixamo-nos sentir o que nossas almas estavam sedentas: o nosso boca a boca.

— Miliany, eu te amo muito. Não deixe com que o fogo do nosso amor se apague – eu disse com entonação suave e delicada.

— Não vou deixar, amor. Eu também te amo muito! – disse ela, de olhar apaixonado e coração pulsando em ritmo acelerado.

— Tava pensando... e se a gente voltasse pra Niterói? – perguntei.

— Nossa, mas ainda nem conheci seus amigos daqui... – ela disse.

— Sim, primeiro vou te apresentar eles e depois voltaremos pra Niterói, pode ser?

— Acho que pode ser...

— Amor, o que você acha de irmos hoje para a casa de um dos meus amigos hoje?

— Olha, pra mim seria uma boa.

— Fechado, então?

— Fechado.

Logo depois nos abraçamos por uns segundos. Não se era o silêncio total, pois nossos corações pulsavam tão forte que interrompia o vazio.

— Vou avisar ele logo, então... – eu disse, puxando o meu celular.

— Tá bom, então... - ela me disse, levantando-se – Vai ligar pra ele ou vai mandar mensagem mesmo?

— Primeiro vou tentar mandando mensagem, senão vou e ligo pra ele.

— Entendi... Você pode me dizer a distância aproximada até a casa dele?

— Olha, te garanto de que não é muito, mas nem pouco.

Coloco o meu celular no bolso após ter enviado a mensagem. Escuto um barulho misturado com um som de vibração.

— Amor, acho que o seu telefone tá tocando... – digo, me levantando da cama e me direcionando até Miliany.

— Ah, sim. Você pode olhar quem está ligando? - perguntou ela, revirando a bolsa.

— É um número não identificado.

— Não atenda.

Miliany se senta no canto da cama e tira a sapatilha. Peguei o meu celular e enviei uma mensagem para avisar o meu amigo.

Capítulo 4

Depois de ter me arrumado, assim como Miliany, nos encaminhamos para a rua.

— Você tem certeza de que não é muito longe? – pergunta Miliany, tentando se alinhar ao meu lado.

— Sim, tenho. São só mais uns 12 quilômetros pra andar – eu disse brincando, mas sem deixar com que ficasse visível.

— Mas é o que?! Você me disse de que a distância é pouca, seu desgraçado!

— De fato é mesmo... Eu só tava tirando um pouco com a sua cara.

Miliany riu e depois me bateu no braço.

Alguns minutos depois chegamos em casa e fomos recebidos com carinho e muita fumaça.

— Fala aí, mano! Quanto tempo! – ele diz.

— Digo o mesmo, André! – eu disse, abraçando-o.

— Quem é essa moça esbelta, mano?

— Ela se chama Miliany, é a minha namorada.

— Prazer em te conhecer – diz André.

— O prazer é todo meu – ela responde.

— Pode entrar, pessoal. Tem uma rapaziada aqui, mas vocês já são de casa.

Entramos na casa, estava tocando Marcelo D2 num volume baixinho e uma névoa que me embaçava a visão.

— Manos, esses aqui são Rafael e sua namorada, Mileni – disse André, dando um trago.

— Na verdade o nome dela é Miliany – eu disse.

— Ah é. Miliany.

“Bem-vinda! Prazer em te conhecer!”, todos disseram ao mesmo tempo, se assemelhando a um coral.

— Ah, mano, esse cara é o bicho – disse André.

— Quem? – pergunto.

— O Marcelo, po. Saca só as rimas do cara.

No momento todos se mantiveram silenciosos para escutar a música.

— Mas, fala aí. Que que tá pegando? – pergunta André.

— A minha namorada está querendo conhecer os meus amigos, a minha família e então... decidi já começar hoje mesmo – eu disse, sorrindo.

— Veio ao lugar certo. A gente é gente boa.

André sorriu e diminuiu mais ainda o volume do rádio.

— Vocês querem um trago?

— Cara, eu até que aceito – eu disse, sorrindo.

— E a sua garota? Ela aceita também?

Miliany acena indicando que “sim”.

Traguei um pouco do oferecido e então passei para Miliany

— Vocês dois! - André disse – Vão com calma!

— De onde vocês vieram? – um dos amigos de André me perguntou, de olhar avermelhado.

— Nós viemos de Niterói – eu disse, fazendo voltar ao ciclo minimalista do oferecido.

— Escuta, meu amigo... Em hipótese alguma decepcione a sua garota. Ela é uma das melhores coisas que já te aconteceu na vida.

— Pode deixar, parceiro. Não vou decepcionar o anjo da minha vida – eu disse, já mais descontraído.

— Tô te falando, é melhor pra você.

Logo após ter um diálogo comigo sobre relacionamentos, André se levanta e vai até a janela.

— Olha só, pessoal. Hoje tá um dia ensolarado, perfeito e lindo... – disse André, olhando pela janela.

Numa altura dessas a voz dele parecia ecoar dentro da minha cabeça junto com a minha taquicardia, que parecia fazer todos os órgãos do meu corpo pulsarem.

Num instante depois olhei para Miliany, que parecia sentir o mesmo que eu. Nossa taquicardia parou. Tudo parecia correr mais devagar. As lembranças pareciam vir de forma vívida, de pouco em pouco.

— Vocês dois estão bem? – André perguntou, aspirando não ser respondido.

“Estamos!”, foi-se respondido na forma mais “coralística” possível.

Passamos a tarde inteira na casa. As horas já não corriam do mesmo jeito. Despertamos; são 6 horas da tarde.

— Galera, a gente tem que ir pra casa agora – eu disse como quem tivesse acabado de acordar.

— Tá bom, então – disse André, apertando a minha mão – Pessoal, se despeçam do Rafa e a sua namorada.

“Valeu aí, fica na paz”, foi-se pronunciado como se ecoasse em diferentes vozes.

No caminho para casa eu percebi de que a estranha sensação me perseguia. Notei que Miliany também sentia o mesmo que eu.

— Nossa, não me lembro de me sentir assim desde a última vez em que tive uma ressaca em que eu não quis sair da cama por nada – disse Miliany, rindo.

— Você já tinha fumado alguma outra vez? – perguntei.

— Olha, não que eu me lembre.

Nos abraçamos e então voltamos a andar.

— Amor, te amo! – disse Miliany, dando-me a mão.

O silêncio da noite me colocava em profunda reflexão e gratidão pela vida que agora eu estava vivendo.

— Amor, sou muito grato por ter você ao meu lado e pela maravilhosa oportunidade de sempre te ver – eu disse com voz suave.

— Também sou muito grata por ter alguém como você na minha vida, amor – disse Miliany, de pupilas dilatadas e coração encantado pelo meu eu.

Depois de haver passado alguns minutos no meu apartamento.

Após chegar no apartamento sento-me no sofá e logo após Miliany se senta ao meu lado.

— Acho que esse cheiro não vai sair tão fácil daqui... – disse Miliany cheirando a camisa listrada dela.

— Sai sim. É só colocar na máquina de lavar, deixar de molho um tempinho... – eu disse me levantando do sofá e depois pegando um cigarro da carteira.

Fui para a janela, acendi o cigarro e dei um trago profundo que acabou-se resultando em chaminé.

— Amor, o que você acha de eu continuar pintando aqui, em Minas? – perguntei, jogando a fumaça para fora e logo depois direcionando meus olhos para Miliany.

— Por mim, sem problemas – disse Miliany, cruzando as pernas.

— Minha querida, minhas pinturas vão se tornar muito conhecidas e vão parar no Museu do Louvre! – exclamei enquanto eu aproximava meus lábios aos dela.

— Também acredito no seu talento e quero que continue fazendo o que você aprecia. O mundo vai contra os artistas, mas após a morte desses que fazem arte, a hipocrisia humana fala mais alto.

— Sim, infelizmente é a verdade.

Dei um trago no cigarro e me lancei no sofá.

— Quando eu conseguir um dinheiro com a minha arte (o suficiente para passar um tempinho em outro país) onde você gostaria de ir, amor? – perguntei olhando fixamente para Miliany.

— Como eu já disse anteriormente, eu amaria ir para Paris. Imagine só ir para onde ocorreram grandes revoluções artísticas – disse ela com um sorriso estampado no rosto.

— Fechado então. Paris que nos aguarde!

Alguns instantes depois puxei o meu celular do bolso da minha calça. Eram sete horas da noite.

— Amor, vou dormir. Estou cansada – disse Miliany, bocejando.

— Acho que também vou, mas daqui a pouco. Vou ver se está passando alguma coisa que preste na TV primeiro.

Miliany se levanta, me dá um abraço e logo depois me beija. Após ela se encaminhar para o quarto, sento-me no sofá, caço o controle para ligar a TV e então as luzes artificiais se acendem.

— Boa noite, amor! – disse Miliany com entonação de cansaço.

— Boa noite – eu disse.

Comecei a “zapear” entre os canais da TV. Parecia que a programação era feita de programas supérfluos e repetitivos. Desisti e me encaminhei para a cama.

— Não encontrou nada de interessante na TV, amor? – pergunta Miliany, de voz sonolenta.

— Não, só está passando a mesma coisa que sempre costuma passar – eu disse, me sentando no canto direito da cama.

— Vem cá. Deita aqui do meu lado.

Tirei o par de sapatos que calçavam meus pés. Deitei-me alinhando meu corpo ao lado do dela.

Me parecia ser cedo demais para dormir e tarde demais para pensar nas questões que atormentam o mundo nos momentos de insônia. De tanto refletir acabei por me deparar com os meus pensamentos diminuindo de pouco em pouco.

Acordo, mas ainda são 3 da manhã. Miliany ainda dorme. Tomo a decisão de sair um pouco. Há meia dúzia de gatos que vagam pelas ruas, ao acaso vejo um bar aberto (talvez um milagre?), algumas garotas de programa que se encontram nessas ruas desertas em busca de algum ser que está à procura de carne fresca e succulenta.

E esse som que interrompe o silêncio das ruas dignas de serem denominadas desertas? Ah, é só o moço no bar que numa altura dessas já cai de bêbado. Escuto um som baixinho vindo de perto de mim; uma voz baixa, quase que como um sussurro: “Quanto que é o programa?”. A noite dá lugar a uma manhã morna.

“Vou voltar para o apartamento... já devem ser 4 e meia”, esse é o pensamento que me vem após eu ficar vagando pela madrugada silenciosa na qual todos os reprimidos se libertam.

Capítulo 5

Chego ao apartamento; Miliany perde o sono.

— Perdeu o sono, amor? – pergunta ela, de voz sonolenta.

— Sim... – respondo – Como você está?

— Bem...

— São quase 5 da manhã... O que será que tem de bom pra fazer?

— Comer? Ver televisão? Sei lá.

— Mais tarde devo ir numa papelaria qualquer para comprar tinta e telas. Pretendo voltar a pintar.

— Boa iniciativa!

Sento-me no sofá enquanto Miliany se direciona para a cozinha.

— Amor, acho impressionante como o mundo é capaz de se transformar depois da meia-noite – digo, dando uma risada irônica no final.

— O que fez você chegar nessa conclusão? – perguntou ela, colocando o café pra fazer.

— Héteros que são bissexuais, crentes sóbrios que se embebedam até o cheiro da cachaça invadir a noite.

— Acredito de que o mundo seja assim desde sempre. Cheio de falsos perfis.

O silêncio surge e logo depois é quebrado pelo som da cafeteira.

— Me desculpe se essa pergunta soar incômoda, mas você trabalha com o que? – perguntei.

— Sou escritora e fui atendente de supermercado no passado – Miliany responde.

— Hmmmm... Então somos um casal de artistas!

— Sim!

Rimos. Sem saber o motivo certo, mas arreganhamos os dentes. Ligo a televisão, o volume está baixo. Miliany sai da cozinha e se senta ao meu lado.

— Amor, você gosta de música clássica? – pergunto.

— Sim – disse Miliany enquanto eu envolvia os meus dedos no cabelo dela – Por que a pergunta?

— Vai ter um concerto de uma orquestra daqui na semana que vem. Está interessada em ir comigo?

— Pode ser... Você sabe qual que é o preço dos ingressos pro concerto?

— Deixei de ver isso, mas não deve ser caro.

— Veja então.

Após a manhã ociosa escorrer pelas minhas mãos, chega a tarde de sol escaldante.

— A gente bem que podia ir num desses cafés daqui perto no finalzinho da tarde – eu disse interrompendo o ócio.

— Sim, até que é uma boa ideia – diz Miliany, se levantando do sofá.

— Sentar em uma daquelas cadeiras, escutar um *jazz* enquanto se toma um cappuccino quente... simplesmente uma cena fantástica.

— Imaginação digna de um artista a sua.

— Por que será?

O meu sorriso surge, intensificando o tom de brincadeira.

— Ei, eu sei o que a gente podia fazer agora! – disse Miliany com entusiasmo.

— Onde? – pergunto enquanto me levantando.

— A gente podia ir num desses restaurantes chiques agora.

— Miliany, eu não sou rico como esses magnatas que frequentam esses restaurantes chiquérrimos.

— Tá bom. Então a gente vai num restaurante menos chique. Só pra experimentar.

— Maravilha!

Chegamos ao restaurante de arquitetura moderna e música que acalmava a alma. Todas as pessoas parecem estar extremamente focadas no assunto que estavam conversando. Um garçom se aproxima cautelosamente em nossa direção após termos nos sentado.

— O que vão querer? – pergunta o garçom.

— Meu amigo, me traga o que for melhor e estiver num preço acessível com a renda de um artista – eu disse.

Nesse instante no qual tratei o garçom como se fosse uma pessoa *raiz* os seres sofisticados tornaram seus olhos de desprezo para mim.

— Sim, senhor – diz o garçom.

Quando volto meu olhar para Miliany os seres sofisticados voltam para seus assuntos elegantes.

— Olhe o pobre daquele pianista. Toca por horas, até a mão atrofiar e que reconhecimento ele tem? Nenhum. Convenhamos que talvez ele ganhe bem, mas o coitado se mata a troco de quase nada – falo em tom de empatia.

— É como eu já tinha falado antes: nunca dão o reconhecimento merecido em vida, mas querem dar após a morte – diz Miliany.

— Estou pensando em pedir um vinho agora...

— Vinho? De tarde?

— Sim.

— Você é louco.

Miliany ri. Observo o seu rosto enquanto aprecio o som da risada dela.

— Miliany, quando conhecerei seus pais? – pergunto.

— Eu é que te pergunto – diz Miliany, rindo.

— Os meus? Estão em Niterói.

— E você quer que seja fácil ver meus pais paulistas sendo que eles estão lá em São Paulo?

Rimos. Durante o tempo de espera conversamos sobre os assuntos mais diversos. O pedido enfim chega.

Minutos se passaram. O dia ensolarado dava o último suspiro e as nuvens carregadas se apresentavam; já havíamos terminado de almoçar.

— Vamos? – pergunto pegando a minha carteira.

— Vamos – diz Miliany olhando-me nos olhos.

O garçom aparece e logo meu dinheiro desaparece. Fomos para fora e então acendi um cigarro e joguei a fumaça levemente amarga para fora.

— E então? A ideia do café permanece de pé? – perguntei, com um sorriso gentil no rosto.

— Sim, mas se começar a chover saiba que eu não vou – diz Miliany.

Depois dos minutos de caminhada acabo por encontrar Felipe. Coincidência? Talvez.

— O que está havendo, rapaz? Em todo lugar que eu vou você está! – disse Felipe em tom de brincadeira – Como você está?

— Estou bem! – respondi enquanto o cumprimentava – Ah, essa aqui é a minha namorada, Miliany.

— Prazer! Me chamo Felipe. O seu namorado tem me falado muito de você.

— Ah, é? – diz Miliany rindo – O prazer é todo meu!

— O que veio fazer aqui em Minas? – pergunto para Felipe.

— Vim para visitar meus pais – responde em tom entusiasmado.

— Boa visita!

— Obrigado!

— Está indo pra onde agora?

— Pra casa de um amigo meu, vou passar a morar lá durante um tempo. Acho que até eu encontrar onde ficar por um preço acessível.

— Por que você não vai morar com seus pais?

— Não quero dar despesas pra eles, entende?

— Deixa disso, rapaz.

Rimos um pouco e logo depois dei um trago no meu cigarro e joguei a chaminé de tabaco em favor ao vento.

— Olha, já vou indo, mas qualquer dia desses a gente marca de se encontrar – disse Felipe olhando o horário que marca no seu velho relógio – Combinado?

— Combinado! – eu disse com certo ar de confiança enquanto apertava sua mão.

— Até logo, então.

— Até.

Felipe some aos pouco com seu andar apressado feito uma locomotiva. O clima nublado mostra para que veio; chuveisca.

— Vamos indo que já começou a chover um pouco – diz Miliany com sua voz que fazia-me virar fumaça.

Alguns minutos na caminhada regada a tabaco, chuva e romantismo me fez lembrar do passado e viajar pelo futuro imaginado como se fosse um passado.

Enfim. Lar doce apartamento, objetos, vista da rua e um monte de anotações.

— Possivelmente daqui a pouco terei de sair pra comprar tinta e tela numa papelaria próxima – eu disse enquanto me direcionava até a janela – Não devo demorar.

— Qualquer minuto longe de você parece uma eternidade – disse Miliany enquanto se aproximava de mim.

— Te amo – eu disse enquanto aproximava meus lábios aos dela.

No momento olhei para a vista da rua que eu obtinha da janela. Afinal, será que estou no meu momento mais feliz? Até quando essa felicidade vai durar?

— Também tenho de voltar a escrever... o dinheiro tá curto e minha mente almeja minha literatura – disse Miliany enquanto prendia o cabelo.

— A arte faz bem ao coração. Seja fazendo ou a apreciando – eu disse saindo da direção da janela.

Olhei para o celular que acabo por tirar do bolso; me indica de que são uma e meia.

— Acho que não vou sair daqui a pouco. O melhor seria agora, senão acabo por esquecer – eu disse enquanto me levantava do sofá.

— Tudo bem, amor. Até daqui a pouco! – disse Miliany me abraçando.

— Até.

Pessoas andavam apressadas pela rua para que conseguissem voltar para o trabalho a tempo.

— Boa tarde! - disse a atendente assim que coloquei meu pé na papelaria.

— Boa tarde, eu gostaria de comprar tinta a óleo e telas em 80x80 – eu disse.

A atendente me mostra a seção em que fica tintas e telas. Uma moça linda surge no horizonte. *“Será que a conheço de algum lugar? Parece que já a vi alguma outra vez... Melhor deixar isso de lado”*.

Após comprar o necessário voltei para o apartamento. Durante o caminho pude notar que a movimentação nas ruas se enfraquecia de pouco em pouco. As sacolas que pesavam as minhas mãos e marcavam meus dedos indicavam de que algo novo estava por vir.

— Oi, amor – disse Miliany ao eu entrar no apartamento – Eu estava pensando em voltar a escrever hoje mesmo.

— Ótima iniciativa! – eu disse enquanto descarregava as sacolas no chão.

A chuva aperta um pouco. Começo a tirar tudo da sacola.

— O que você pretende pintar primeiro? – pergunta Miliany.

— O que vier dos meus sentimentos – eu disse enquanto tirava o plástico da tela – E você? O que pretende escrever?

— Não sei ainda... Talvez romance ou ficção.

— Eu digo que é uma boa escolha a sua.

Pego as tintas e coloco sobre a mesa da sala. Passo um tempo observando a chuva que caia fininha na janela.

Capítulo 6

São 4 de tarde; a ideia de ir para o café permanece de pé. Me preparo para descobrir toda a beleza que há em Juiz de Fora.

— Miliany, está pronta, meu amor? – pergunto.

— Sim – ela responde.

O chuvisco cessa. Durante o caminho até o café percebo de que não tivera cessado por muito tempo.

Entramos no café, era um ambiente calmo e aconchegante com música suave no fundo. Nos sentamos numa mesa ao centro.

— Eu adorei esse ambiente! – exclamei.

— O problema mor é esse clima – disse Miliany.

— Talvez não... pode ser que a gente tenha sorte.

— Mas também pode ser que a gente não tenha.

— Só viemos para cá para descobrir a beleza que Juiz de Fora guarda. Ainda há mais o que explorar.

Observo o ambiente agridoce com um clima nublado que estampava as janelas.

— Acho que pedirei um cappuccino com canela – eu disse – E você?

— Um cappuccino com blocos de chocolate. Parece ser tão sofisticado e elegante que acabou despertando minha curiosidade – disse Miliany.

— Perfeito.

Peço um cappuccino com canela e outro com blocos de chocolate; aguardo.

As gotas de chuva estampavam as janelas que se satisfazem em deixá-las secar. Passa um curto espaço de tempo e os cappuccinos chegam.

— Sabe? – diz Miliany assim que chego na mesa.

— O que? – pergunto colocando os cappuccinos na mesa enquanto meus dedos queimavam.

— Quando estou nesse ambiente com pingos de chuva na janela me lembro muito da minha infância.

— Por que?

— Porque eu me lembro de acordar de manhãzinha com o cheiro de terra molhada e assistir a chuva do quintal da minha casa.

— Deve ter sido uma infância feliz pra você ter tanta nostalgia assim.

— E foi!

— Interessante...

Miliany toma o cappuccino fumegante que lhe aquecia o rosto.

— Voltando ao que você falou antes... já imaginou se voltar a chover quando voltarmos para casa? – pergunto em tom de brincadeira.

— Nem brinque em dizer isso que eu nem trouxe guarda-chuva – disse Miliany, rindo.

Acabei rindo e logo depois dei um gole no meu cappuccino.

— Você acha que seria uma boa ideia sair com uns amigos meus nesse final de semana? – perguntei pondo o copo sobre a mesa.

— Seria bom. Eles são da farra? – pergunta Miliany.

— Sim.

— Então é melhor ainda!

Quando já íamos saindo, a chuva voltou... e mais forte.

— Puta merda! – exclamei.

— Parece que os aventureiros terão de voltar para casa na chuva! – disse Miliany rindo.

— Não ria que eu acabo te jogando na chuva, hein – eu disse em tom de brincadeira.

— Ah, é? Pois fique sabendo que duvido.

A empurrei na chuva e logo depois ri.

— É assim, né? – pergunta Miliany também achando graça.

Miliany pega na minha mão e me puxa para a chuva. Nos encaramos por um curto instante e logo depois voltamos a rir.

— Espero que esteja preparado – diz Miliany.

— Pro que? – pergunto em tom ingênuo.

Miliany corre em disparada no meio da chuva que tivera encharcado a minha roupa. Em seguida vou atrás dela, correndo.

Por fim chegamos ao destino desejado: lar doce lar. Miliany ainda ri um pouco do que tivera ocorrido anterior a corrida olímpica.

— Vamos entrar, pois convenhamos que se eu ficar mais alguns instantes viro sopa de pneumonia – eu disse, rindo.

Ao chegar no apartamento a primeira coisa que faço é tirar a camisa toda molhada; Miliany liga a televisão.

— O melhor de tudo é que tomamos banho sabendo que não temos de pagar a mais nas contas de luz e água! – exclamei.

— Já eu não sei de nada – diz Miliany, rindo.

Miliany começa a se despir para trocar de roupa; ainda estou tirando os meus sapatos. Olho para ela nua.

— Nossa! Nunca imaginei que tivesse uma namorada tão gata! – exclamei.

— Bobo – diz Miliany, sorrindo.

— Pensando bem acho que vou tomar um banho.

— Mas e quanto ao banho gratuito? – pergunta Miliany rindo.

— Shhh... vamos fazer de conta que nada aconteceu – eu disse, rindo.

Me direcionei até o banheiro; Miliany se senta nua no sofá.

O som da água que cai do chuveiro penetra na minha cabeça.

— Amor, posso usar o seu notebook para escrever o meu livro? – pergunta Miliany.

— Sim! – eu disse alto o suficiente para que ela pudesse me ouvir.

Capítulo 7

Chega a noite fria de Sábado. Miliany e eu já estamos indo para o encontro de amigos amantes de álcool (ou bebedeira).

— Amor, que horas são? – pergunta Miliany.

— São 9 horas ainda... – eu disse enquanto olhava no celular – Nossa! Parece que o tempo está ao nosso favor.

Miliany ri. Era aquele sorriso que me encantou e o mesmo eu queria guardá-lo para mim a fim de assisti-lo até o fim de minha vida.

Chegamos no bar, todos já estavam reunidos e cada um com uma latinha de cerveja na mão.

— Chegaram eles! Os seres mais legais da face da Terra! – disse Felipe.

— Ah, deixa disso! – eu disse rindo – Que isso, meus parceiros? Já começaram?

— Ah, mano – disse um dos jovens – Isso aqui é só aperitivo, sabe?

O grupo inteiro riu.

— Sentem-se – disse Felipe se direcionando a nós – Hoje a bebedeira vai ser por minha conta!

— Ei! Que isso?! Cada um de nós teve que pagar a *breja* e você dá desconto pra eles?! - pergunta o jovem da “latinha aperitivo” em tom de fúria.

— Respeita eles. Olhe bem, é um casal apaixonado e além do mais é melhor do que você que tem pagar prostitutas baratas para fingirem ser sua namorada.

O bando todo ri; o jovem se acanha.

— E aí, o que vocês vão querer para beber? – pergunta Felipe em tom afetuoso, quase materno.

— Por mim pode ser vodka – eu disse – E você, amor? O que vai querer beber?

— Pode ser o mesmo que você – disse Miliany em tom apaixonado.

— Uma garrafa de vodca para os pombinhos, então! – exclama Felipe.

A mesa cheirava a cerveja barata. Os jovens que acompanhavam Felipe choravam de rir enquanto contavam seus casos.

— Garçom! – grita Felipe – Ih, acabei gritando. Acho melhor manear no álcool.

— Concordo – eu disse.

O garçom chega na mesa.

— Opa, traga a melhor vodca que vocês tiverem para esse jovem casal – diz Felipe em entonação bêbada e feliz.

— Sim, senhor – diz o garçom em tom gentil.

As risadas dos jovens continuam; Felipe olha para eles e logo direciona seus olhos para mim.

— Vocês pretendem casar? – pergunta Felipe.

— Eu pretendo, mas eu não sei se Milianny pensa igual – digo.

— Claro que penso igual! Te amo muito e quero ter uma vida com você – disse Milianny em tom adocicado.

— E é isso o que vamos brindar agora. Ao amor! – diz Felipe brindando com os jovens que o acompanhavam.

— Felipe, quem são esses que vieram com você? – pergunto.

— São meus amigos, pessoal gente boa. Se quiser posso apresentá-los para você – disse Felipe.

— Por favor! – eu disse.

— Pessoal, esse é o Rafael. Por favor, se apresentem – diz Felipe enquanto colocava sua latinha de volta na mesa.

— Prazer! Me chamo Fabrício! – diz um dos jovens.

— Me chamo Guilherme – diz o jovem “latinha aperitivo”.

— Prazer em te conhecer! Meu nome é Ricardo! – diz um jovem de olhos cantanho-claros.

— Meu nome é João Paulo. Prazer em te conhecer! – disse o jovem de barba por fazer em cabelo encaracolado.

— Prazer em conhecer todos vocês! – respondi.

— Ainda deve ter mais gente pra chegar – diz Felipe.

— Felipe, meu caro, você convidou o exército? - pergunto em tom de brincadeira.

— Que nada, meu parceiro! Quero tornar essa noite memorável! – exclamou Felipe com um sorriso no rosto.

O garçom chega na nossa mesa com a garrafa de vodca. Parecia ser o extremo do chique.

— Eu disse e volto a dizer: não precisava disso tudo – falei.

— Que isso, meu rapaz! Temos de comemorar essa linda união entre vocês dois! – responde Felipe.

Felipe abre a garrafa e logo em seguida nos serve; o primeiro gole queimou-me a garganta e aqueceu-me o peito.

As horas foram se passando e o tanque ficava cada vez mais abastecido de álcool. Estávamos rindo de tudo (até do gato da rua que procurava uma fêmea para acasalar).

— Puta *merrda*!! Já *ssssão 2 horass* da manhã, cara! – eu disse (acho que foi isso).

Miliany estava completamente bêbada (parecia o meu espelho naquele exato momento). O olhar dela não era mais o mesmo de antes... era um olhar malicioso.

— Espera aí que eu vou chamar um taxista pra vocês – disse Felipe.

Durante o tempo em que esperei o taxista chegar, Miliany já havia passado sua mão na minha perna incessantemente.

— Galera, foi... *bomm* o tempo em que *passsei* aqui *comm* *vocêsss* – eu disse assim que o táxi chegou.

— *Nossss encontraremoss* mais *vezess*, amigo! – anuncia Felipe assim que entro no táxi.

— Assim *esspero!* – respondi.

“Para onde vamos?”, pergunta o taxista.

— Para o *meuu* apartamento – respondo – Irei te *mostrá* o caminho.

O taxista liga o carro.

— Siga em linha reta – eu disse.

— Meu amigo, não é melhor eu usar o meu conhecimento pra chegar lá? – pergunta o taxista – Eu rodo isso aqui tudo, rapaz!

— Tá bom, então! Faça o que *voshê quisé* – eu disse.

O taxista pisa no acelerador e então vejo Felipe se distanciando cada vez mais.

Miliany passa a mão na minha coxa e logo depois começa a me masturbar (de modo quase imperceptível); o taxista se mantinha focado.

— O que *vamoss* fazer quando *chegarrmoss* em casa? – pergunto.

— É surpresa – responde Miliany.

Chegamos ao apartamento, sentíamos enorme tesão só pelo toque; parecíamos selvagens. Miliany tira a minha roupa enquanto tiro a dela; não tínhamos decisões pensadas, éramos apenas fogo e álcool.

— Você é muito *gosstosa*, sabia? – pergunto.

— Nós dois somos – responde Miliany, com sua voz sendo manipulada pelo tesão.

O instinto selvagem tomava conta da nossa racionalidade. Penetrei. Pouco em pouco os gemidos alcoólicos de Miliany aumentavam.

Logo depois do ato sexual fomos nos banhar. Chove uma chuva fininha (quase impossível de se escutar).

Capítulo 8

Ah, uma doce manhã de ressaca. O que bebemos foi uma vodca elegante e por isso denomino isso de *ressaca sofisticada*; a dor de cabeça era cara.

Miliany se levanta antes de mim (ainda nua) e prende o cabelo. A minha ressaca (ou preguiça) me impedia de levantar.

— Amor, você tem algum remédio para dor de cabeça? – pergunta Miliany.

— Não... mas acho que seria bom tomar café preto sem açúcar para curar a ressaca – eu disse, com voz em entonação de derrota.

Miliany vai até a cozinha e coloca o café para fazer; me levanto e pego um cigarro da cartela. A brisa gelada da manhã nublada invadia o apartamento pela janela, sorrateiramente.

— Miliany, meu amor... – eu disse sem concluir a ideia, sendo interrompido pela distração.

— Diga – ordena Miliany.

— O que você acha de voltarmos para Niterói?

— Mas tem pouco tempo que a gente está aqui, em Juiz de Fora.

— Sim, mas não podemos ficar aqui pra sempre. A gente nem mora aqui!

— Faça o que tiver de fazer, então!

A cafeteira começa a fazer barulho; som cujo invade o quase silêncio da manhã.

— Amor, quando vamos nos casar? – perguntei.

— Não sei... você decide! – responde Miliany.

— Que tal nos casarmos quando voltarmos para Niterói? Ou então até algo melhor?

— O que você quer dizer com “ou então até algo melhor”?

— Se eu conseguir dinheiro suficiente até lá, pode ser que a gente viaje para a Europa.

Miliany abre um sorriso de felicidade e em seguida me abraça.

— Portanto, não quer dizer de que seja tão em breve – aviso.

Miliany faz uma feição triste em forma de brincadeira.

— Eu tenho de ver quanto que está a passagem pra Niterói se você quiser ir – eu disse.

— Faça isso! – diz Miliany.

No momento eu me senti bastante indeciso. Juiz de Fora me parecia ser mais calma, porém eu sentia falta do caos niteroiense.

Passaram-se dias e continuamos na mesma condição de indecisão melosa que grudava feito chiclete.

— Desfrutamos o suficiente daqui, não acha? – pergunta Miliany.

— Vou comprar a passagem de volta para Niterói e vamos voltar daqui a 3 dias – avisei.

— Durante esse tempo o que nos resta pra fazer? – pergunta Miliany.

— Uma coisa a mais, minha querida. Algo que transformará nossas vidas – eu disse, em tom quase que profético.

— O que se tem a mais pra se visitar aqui? – pergunta Miliany.

— Não é questão de visitar... é questão de fazer – eu disse.

— Então o que vamos fazer?

— Você verá.

...

Passam-se dias até que tomo decisão de ir com Miliany para um campo que ficava ali perto. Depois de chuvas intensas e sol eu já sabia que o que eu já havia planejado estava por dar certo.

— Essa é sua ideia mais exótica que já vi até hoje! - exclamou Miliany rindo, assim que falei com ela sobre o que íamos fazer.

— Os rituais espirituais fazem bom uso disso e depois de bom tempo estudar sobre... acho que é possível de se fazer isso por conta própria – eu disse enquanto acendia o meu cigarro.

— Aceito fazer isso, pois confio em você.

Fomos para o campo pegar cogumelos *Psilocybe Cubensis*.

— Olha só o que fazemos pelas experiências místicas... colocamos a mão na merda de vaca – eu disse rindo enquanto retirava os cogumelos.

Miliany ri.

— Como é que vamos saber se isso é realmente eficaz? – pergunta Miliany com tom de insegurança.

— Isso não é uma possibilidade distante, pois VAI acontecer.

Coloquei os cogumelos na mochila e saímos do campo silenciosamente para que não notassem a nossa presença lá.

Chegamos no apartamento sem que ninguém nos interrompesse e logo preparamos tudo para fazer o chá. Delicadamente, segui o passo a passo.

— Miliany, você pode me passar uma xícara? – perguntei.

Miliany me dá a xícara e logo em seguida coloco o chá de *cubensis* nela, sem desperdiçar nenhuma gota.

Coloco música de piano no fundo para poder criar um ambiente calmo e logo depois dou um gole no chá; passo para Miliany.

Me deito no chão e espero até o efeito começar; Miliany idem.

— Quanto tempo isso demora para fazer efeito? – pergunta Miliany.

— Por volta de meia hora – respondo.

O efeito começa silenciosamente e deliciosamente psicodélico, uma leve explosão de prazer. De pouco em pouco minha visão se distorce do real e entro numa profunda reflexão sobre o mundo contemporâneo, sobre meu círculo de amizade e minha vida.

“*O que eu sou? Um vão no qual as pessoas enchem como bem entenderem? Ou um ser humano que tem sua própria vida?*”. Eu estava certo de que era uma das minhas melhores escolhas ter experimentado o tão falado *cubensis*.

A tarde vai-se embora deixando o cheiro das cores que se esfregavam feito gatos em mim. Entra a tardezinha. Beijo Miliany. Puta merda, acho que nunca pude ter tamanha intensidade num beijo só! Os lábios dela adocicados faziam meu coração pulsar mais forte. A língua dela que penetrava na minha boca, num beijo silencioso, mas muito profundo.

— Miliany, eu te amo! E muito! – eu disse sem nem sequer conseguir dizer outra coisa, pois eu era corpo sem espírito, apenas intensidade.

As horas se passaram e cada vez eu me convencia de que era uma das melhores decisões a serem feitas. As minhas dúvidas que me dilaceravam agora estavam mortas e enterradas num cemitério distante. O efeito, por fim termina; já são 10 da noite.

Não sei o que digo... sabe lá o que sou... homem, animal ou vão? Isso é questão de escolha. Não do resto do mundo, mas sim minha.

Capítulo 9

O dia chega; Felipe e seus *discípulos* nos aguardam na rodoviária com certo ar de saudade precipitada.

— Vamos, que possivelmente ainda temos tempo de estarmos adiantados – aviso Miliany enquanto tento fechar uma mala a todo custo.

— Mas acho que não tem problema se atrasarmos só uns 5 minutos... – diz Miliany enquanto soltava o cabelo ruivo cujos cachos caíam-lhe sobre a testa – Ou tem?

— Lógico que tem! Se inventarmos de querer chegar atrasados, o ônibus vai embora e a gente fica com cara de cachorro que caiu da mudança.

— E como você sabe disso?

— Talvez porquê isso já tenha me acontecido? – pergunto rindo.

Pegamos um táxi; a fumaça do cigarro do taxista invadia o carro transformando-o em nuvem acinzentada. O rádio tocava uma melodia frenética mesclada com ruídos.

Frequentemente a minha ansiedade obrigava-me a querer pegar o celular para ver o horário. O taxista corria feito um piloto de *Fórmula 1*.

Chegamos na rodoviária; clima melancólico digno de ser acompanhado de 20 violinos.

— Parece que agora vocês terão de voltar para Niterói, não é? – pergunta Felipe assim que chegamos lá.

— Sim, mas ainda vamos nos encontrar. Disso eu tenho certeza! – respondi.

— Em breve tentarei manter contato com você – diz Felipe – Não devo demorar muito para voltar para Niterói.

— Quando chegar em Niterói, me avise pra que a gente passe mais tempo junto.

— Lembre-se de que não pode ser qualquer dia... estou trabalhando nos dias de semana. Sábado é uma boa!

— Sim, é uma boa.

— Então, é isso, meu querido. Boa viagem!

— Agradeço.

Logo em seguida Felipe me abraça e depois direciona seu abraço para Miliany. Entramos no ônibus; meu coração já apertava.

“*Onde está?*”, me pergunto procurando a minha carteira de cigarros.

“*Proibido fumar*”, dizia uma plaquinha que se encontrava no interior do ônibus. Desisto de procurar o cigarro e coloco minhas mãos sobre as minhas coxas.

— O mais engraçado é que nem sequer fiz uma exposição com as minhas pinturas mais novas – digo enquanto desviava o meu olhar da janela e o direcionava para Miliany.

— Pense nisso quando chegarmos em Niterói – disse Miliany enquanto vasculhava sua bolsa – É até melhor que tem as galerias e os museus.

Balanço a cabeça em sinal de afirmação.

No caminho demorado, eu assistia a trajetória da janela. *Outdoors* enormes de marcas famosas e outras ainda iniciantes, mas que ainda estão em ascensão. Os animais que pastavam e *conversavam* entre si, as poucas nuvens que dançavam pelo céu ensolarado.

Chega o pôr do sol que transforma o céu num caleidoscópio de cores. Acho que estamos chegando... o ônibus diminui a velocidade, deixa quase que silencioso o ambiente (se não fosse a falazada que iniciou-se naquele instante).

— Acho que chegamos... – diz Miliany prestando atenção em cada movimento.

— De fato *chegamos* – respondo.

Aguardamos por alguns instantes, o suficiente para que o motorista abra a porta e os passageiros saíssem apressados (apesar do sono).

Bati as mãos nos bolsos da minha calça para tentar achar a carteira; achei.

— É bom reservar um dinheiro para pagar o taxista... vamos ter que pegar um táxi para voltar para Niterói – eu disse enquanto saíamos da rodoviária – Afinal... estamos no Centro do Rio de Janeiro.

Vejo um taxista parado na rua, não há passageiros dentro do táxi.

— Opa! Tem como você nos levar para Niterói? – pergunto ao taxista.

— Tem sim! – responde o taxista.

— Ótimo!

O taxista liga o táxi e dispara, mas é interrompido pelo engarrafamento.

— Demos sorte hoje – eu disse, ironicamente.

— Eu não entendo o que foi que aconteceu... ainda agora mesmo o trânsito estava fluindo bem e agora essa merda! – reclama o taxista – Vou ligar o rádio aqui... vocês se incomodam?

— Não – dissemos.

— Deve ter acontecido algum acidente lá na frente... pra você ver: uma merdinha de nada é capaz de foder com a vida do taxista!

Pego o meu celular; 54%... acho que ainda assim não é suficiente para suportar o engarrafamento.

— É impressionante como a sorte está do nosso lado hoje – digo, suspirando de desespero.

— Calma... uma hora vamos chegar – disse Miliany em tom de humor.

— Puta merda, uma hora... – eu disse, rindo.

Depois da árdua espera e constante vontade de desistir... atravessamos a ponte!

— Olha, eu ainda acho que se a gente fosse andando talvez chegássemos mais rápido. Ia ser complicado? Ia, mas talvez fosse até mais rápido! – reclamo.

— Você e suas hipérboles... – disse Miliany com a voz cansada.

Andamos, com pés descansados (mas o resto esgotado) e caminhamos até a casa onde se iniciou tudo.

Chegamos na casa. Depois de um dia completo sem ver a fumaça quente do tabaco aquecer-me o rosto. Miliany se senta no sofá para assistir um pouco de televisão.

— Vou é acender o meu cigarro depois desse dia que tive – aviso.

A sala começa a se encher de fumaça de pouco em pouco; locomotiva. Vou para o quarto para guardar as tintas e telas recém-chegadas de Juiz de Fora.

Em um piscar de olhos já é tarde da noite. Miliany está adormecida no sofá, num sono profundo. Está frio, então coloco uma coberta por cima dela; ela permanece inerte.

Me afasto dela (com o cigarro quase no fim) e fico assistindo o sono da pessoa que tivera roubado meu coração e me cegado de pouco em pouco.

Procuro por tintas e alguma tela. A madrugada fria aquecia a minha criatividade que logo seria arte para se comer com os olhos.

Capítulo 10

Chega a manhã fria. O sono me dominava... noite mal dormida. Miliany? O oposto da minha situação; ela está radiante, feliz cheia de energia e, com certeza, mente descansada.

— Oi, amor, dormiu bem? - pergunto, com uma aparência de derrota.

— Dormi sim – responde Miliany com um sorriso no rosto – E você?

— Dormi meros 40 minutos – respondi com voz levemente arrastada.

— Percebe-se – diz Miliany rindo – Quer sair comigo hoje?

— Sim.

— Tem certeza? Você parece estar um tanto acabado.

— Tenho.

— Ótimo! Então... que tal a gente ir naquele parque?

— Tá bom.

Levanto do chão e vou até a cozinha para preparar o café. O sono estava quase que me consumindo por completo (possivelmente teria de fazê-lo o mais preto possível, ainda assim sendo possível de tomar).

Bocejo.

— Que sono, hein – diz Miliany rindo.

— E olhe que nem terminei a pintura – respondo.

— Ah, você tava pintando, é?

— Sim e ainda fui inventar de passar a madrugada pintando... agora vou passar o dia bocejando feito um leão.

— Posso ver a pintura mais tarde?

— Claro.

Bocejo novamente.

...

Brilha a natureza. Não um brilho qualquer, mas o suficiente para cansar os olhos.

— Voltar para cá me faz lembrar nitidamente do passado – disse Miliany enquanto olhava para a natureza, apreciando-a.

— Sim, também acontece o mesmo comigo... apesar de minha cabeça estar meio *estragada* hoje – eu disse, rindo.

— Olha, me desculpa se alguma vez no passado te magoei... acho que foi até imaturo de minha parte.

— Não, tudo bem. Já tinha até esquecido disso.

Passam cachorros de madame no cenário e o canto dos pássaros corta a cena canina.

— Miliany, estou pensando em te apresentar pros meus pais já que voltamos para Niterói – eu disse enquanto olhava para as árvores no horizonte.

— E eu estou aguardando por isso – diz Miliany – Quando você vai me apresentar para os seus pais.

— Não sei ainda... será em breve.

— Em breve tipo meses?

— Não... em breve.

Um dia com um calor de derreter até os ossos. Achamos um banco para nos sentarmos.

— Ainda assim era melhor eu ter comprado óculos de sol – eu disse franzindo a testa.

Miliany ri. Uma risada fofa até demais.

— Mandei um *e-mail* para uma editora dos Estados Unidos; agora é só aguardar para ver se eles aceitam ou não – disse Miliany com tom otimista e olhar confiante.

— Por que você não escolheu uma editora daqui do Brasil? Ou então autopublicação? – perguntei, confuso.

— Acredito que publicano lá talvez surjam oportunidades até melhores.

— Tá, mas e quanto a autopublicação?

— Se eles aceitarem o livro eu viro escritora *in-residence*, mas não se preocupe, pois sempre que puder te ligarei e, se possível, venho ao

Brasil de vez em quando.

— Vou sentir saudades...

— Também vou...

Nos abraçamos e logo depois nossos lábios se tocaram.

— Mas ainda temos de aproveitar o nosso tempo junto – diz

Miliany.

— Sim – balanço a cabeça em sinal de concordância.

O dia ensolarado, com ar niteroiense, cachorros de madame que passeiam pelo parque com expressão feliz... disso tudo eu sentia falta.

Me levanto para *dar uma esticada* e Miliany logo em seguida faz o mesmo.

— Sabe do que sinto falta de Niterói? – pergunto.

— O que?

— De ir nessas lanchonetes e pedir uma coxinha com catupiry e um refresco.

Miliany ri.

— Ué, tô falando sério! – eu disse enquanto sorria entre os intervalos das palavras.

— Vocês é engraçado às vezes.

— Às vezes? Minha querida, eu sou um comediante nato!

A risada de Miliany se intensifica; assisto com olhar de encanto.

Continuamos a caminhada enquanto conversávamos sobre coisas da vida e experiências.

Chegamos em casa, são 11 da manhã e Miliany se direciona para a cozinha.

— Amor, o que você quer que eu cozinhe para você? – pergunta

Miliany.

— Nada. Não precisa... eu me viro – respondi.

— Não... eu insisto!

— Já que é assim... um *strogonoff*.

Levanto e pego um cigarro da cartela. Adeus, adeus! O tabaco acabe-se por ser só fumaça, era o último que me restava... em breve terei de comprar outra cartela.

As horas trabalhosas em que gastei nas pinturas estavam me matando; sentei-me no sofá. Em menos de 5 minutos eu já estava dormindo em sono profundo.

Capítulo 11

A noite baixa. A ideia da viagem com Miliany para Paris permanece na minha cabeça.

— Amor, assim que eu vender essa pintura vamos para Paris, tudo bem? – pergunto.

— OK, mas e quanto àquela história de você me apresentar aos seus pais e vice-versa? – Miliany questiona.

— Durante esse tempo, até que eu consiga leiloar a pintura nos dá tempo de sobra para fazer tudo o que temos de fazer aqui, em Niterói – respondi.

— Entendi.

— A propósito... podemos visitá-los amanhã!

— Eu aceito.

Pego o meu celular para mandá-los uma mensagem avisando sobre a visita que eu planejava fazer no dia seguinte.

— Pronto – sorrio – Agora estão avisados.

— Amor, vou dormir. Estou morrendo de sono – diz Miliany bocejando – Boa noite.

— Boa noite!

Noto de que a madrugada é o horário no qual pensamentos me invadem e tornam o ambiente até mesmo nostálgico. Há poucos sons na rua... poucas luzes acesas. A cidade nem sequer dorme devido ao pouco tempo em que podem descansar, a robotização toma conta da humanização. Somos máquinas de acordar, correr pro trabalho, trabalhar, voltar pra casa e apagar de sono enquanto assistimos televisão (ou às vezes nem sequer conseguimos ligar).

Parece que a minha insônia vai me obrigar a dar uma caminhada por essas ruas (mesmo que com medo). Preciso de pegar um pouco de dinheiro caso fique com fome. É um cenário de introspecção, silêncio e memórias.

Olho para o céu para tentar encontrar a beleza da natureza cuja não conseguimos nem sequer apreciar devido a correria cotidiana. Onde

estão as estrelas? Fugiram? Ainda se fosse isso... essas iluminações que apagam a beleza da natureza e edifícios acinzentados repletos de pichações e cheiro de urina nos cantos mais escuros. O odor que se mescla ao forte cheiro de cigarro e álcool.

A verdade é que no final, independente de onde eu esteja, os reprimidos vão preferir a escuridão da madrugada para se manifestarem.

As garotas de programa que se encontram nos cantos, nas esquinas para satisfazer clientes rudes e alguns que nem sequer levam talento para o ato. Enfim... quem sou eu para dar palpite na vida dos outros, não é?

Ao contrário do que vi em Juiz de Fora, aqui parece que não há nenhum comércio aberto... por medo talvez? Somos prisioneiros da nossa própria estupidez e impulso e estamos condenados a vivermos presos enquanto os que se dizem “santos” vivem livres como se vivessem num conto de fadas contemporâneo.

“*Não há motivo para eu vagar por aqui de madrugada... nem paz consigo ter!*”, pensei.

Voltei para casa; atento até mesmo com os gatos vadios que se encontravam pelas ruas.

Já em casa precisei tomar um pouco de *Dramin* para que conseguisse dormir, era o único jeito para conseguir lidar com a insônia com os recursos que tinha naquela noite.

De pouco em pouco meu corpo amolece e minha mente se desconecta do real pra sonolência extrema.

“*Boa noite*”, sussurro para mim.

Dia. Não está ensolarado como eu imaginei que ficasse, mas contanto que não chova, tudo bem.

Desperto um pouco antes de Milianny (*como?*) e coloco o café para fazer. Logo, desperta Milianny.

— Bom dia — diz Milianny com a voz sonolenta — Ainda não me esqueci do que você me prometeu...

Acabo rindo.

— Ainda bem, pois vamos almoçar lá hoje – aviso – lógico que vamos se você aceitar.

Miliany ri com uma certa raiva que chegava a ser fofa.

Chegamos no local. Fomos recebidos com sorrisos.

— Que saudades sentimos de você! – meus pais disseram – Quem é essa moça que está com você?

— Miliany. Ela é minha namorada – respondi enquanto era envolvido num abraço coletivo.

— Mas você nunca nos disse que tinha uma namorada... – meu pai pergunta, desconfiado.

— Eu disse; ainda foi na mensagem que eu mandei.

— Ah, sim. Eu tinha me esquecido – disse ele, rindo.

— Miliany, seja bem-vinda! Você já é da casa! – disse minha mãe, com um sorriso estampado no rosto.

— Agradeço – responde Miliany, também com um sorriso estampado no rosto.

O dia não está ensolarado, mas é lindo. Estamos numa casa com aspecto humilde, porém confortável para a alma urbana e inquieta.

Entramos e logo fui bem recebido por um cão dócil... mas quando saí daqui não havia nenhum cachorro aqui.

— Esse cachorro é novo por aqui? – perguntei enquanto fazia carinho na barriga do cão.

— Sim. Sua mãe ficou triste quando você saiu daqui e então resolvi adotar um cachorro para ela – meu pai responde.

— Parece que ele já te vê como amigo – disse Miliany enquanto o cão lambia o meu rosto.

O cachorro balançava o rabo freneticamente enquanto olhava para mim.

— Vocês se conhecem faz quanto tempo? – minha mãe pergunta.

— Faz alguns meses... por volta de uns 5 meses – respondo.

— E durante esse tempo até agora você nem sequer nos contou sobre nada sobre esse relacionamento? – pergunta ela, com tom de insistência.

— Sim... pois nem sequer eu mesmo pensava que fosse acontecer
— eu disse, rindo.

— Pois bem... seja bem-vinda! Sinta-se em casa! — disse o meu pai.

— Agradeço — responde Miliany.

— Pretendem se casar? — pergunta minha mãe.

— Acho que é pouco tempo para ainda termos a conclusão dessa dúvida... — respondo.

— Mas uma hora irão se casar... não é?

— Sim... uma hora.

Miliany se senta num sofá antigo que estava na sala. Eu idem.

— Podemos almoçar aqui hoje, certo? — perguntei.

— Sim, claro! - responde a minha mãe.

Sinto um olhar de repreensão no momento em que meu pai olhou para minha mãe.

— Prepararei algo maravilhoso para vocês! — diz minha mãe.

— Agradeço — dissemos juntos.

O almoço fica pronto. São 1 da tarde. O cheiro de comida invadia a casa e realçava a fome.

— Pronto! — minha mãe diz, interrompendo o som quase que silencioso da televisão.

Fomos almoçar. Era um tempero diferente... tinha um gosto diferente do gosto das ruas, era um gosto caseiro... do tipo que você come com ânsia para comer mais.

— Gostou, meu querido? — pergunta minha mãe.

— Adorei — respondo.

— E então, Miliany... — meu pai interrompe dando um tom de intimidação — Você trabalha com o que?

— Eu era atendente de mercado, mas agora sou escritora — Miliany responde.

— Escritora? — meu pai gargalha — Literatura não é emprego, minha querida... se eu fosse você arrumava algo melhor.

— Algo melhor? Tipo o que? Ficar trancada num lugar, engravatada e pensar em como ia me matar quando chegasse em casa? – pergunta Miliany furiosa.

— Calma, gente... isso não é hora para se criar discussões calorosas – eu disse, interrompendo a briga.

Ambos se olham com raiva no olhar.

— Respeito a sua profissão... ao contrário do que seu pai pensa – disse minha mãe olhando para a cara emburrada de meu pai.

Meu pai rosna.

— Obrigada! – Miliany agradece a consideração.

— Ah, gostaria de avisar pra vocês que eu estou morando aqui em Niterói, mas não é muito longe não... dá pra chegar a pé – eu disse me dirigindo aos meus pais.

— Que bom! Qualquer dia desses marcaremos de fazer uma visita para vocês! – disse minha mãe, em tom de entusiasmo.

Desses minutos de uma longa conversa entre meus pais e Miliany, chega o pôr do sol.

— Meu querido, não é melhor voltar para casa? – pergunta minha mãe – Está começando a entardecer...

— Sim, sim. Vamos agora! – eu disse enquanto checava o horário no celular – Não é, amor?

— Sim – Miliany responde.

Nos despedimos e logo depois partimos...

Capítulo 12

Dia 12 de agosto... hoje, comemoramos 6 meses de namoro e estamos planejando o casamento. Tenho dinheiro suficiente para pagar todas as despesas que vierem.

— Amor, vamos nos casar daqui a uns 4 meses... não se esqueça, tá bom? – pergunta Miliany em tom de brincadeira.

— Não vou me esquecer! – exclamei enquanto ria.

Os dias se passaram rapidamente, escorreram pelos meus dedos como se fossem água e cá estamos: o dia do casamento.

Dia 20 de Dezembro

O nervosismo estava me comendo vivo... nada que eu não conseguisse suportar; de tudo já me ocorreu até hoje. Os convidados chegavam aos montes, o que me deixava pior do que já estava.

“Essa gravata está me sufocando aqui, isso sim!”, pensei.

Vejo que meus conhecidos e amigos chegam aos montes, mas afinal quem foi que convidou certos seres? Nunca nem sequer sabiam se eu estava vivo ou morto.

Vejo uma porta, bato nela com as minhas mãos trêmulas. As moças gritam para eu fechá-la, num impulso de susto acabo por fazer o **implorado**.

Espero, ansiosamente por Miliany.

Minutos depois, Miliany entra, deslembante, diferente até do que eu já havia visto até aquele dia. A minha expressão de surpresa é inevitável e evidente.

O padre inicia a cerimônia. Todo o cliché que gira em torno do romantismo lírico se inicia.

Aluguei um carro, pois a renda não me era suficiente para pagar uma *limousine*, mas ainda assim não era ótimo. Era um dos dias mais felizes que estava vivendo... era impossível de descrever os meus sentimentos naquele dia. Sentimentos tão intensos que tampavam-me a boca.

Chegamos no hotel. O meu cansaço não existia mais, eu estava anestesiado... não por comprimidos ou seringas, mas sim por felicidade.

Nos beijávamos com frequência, enfim acabava de se iniciar a *lua de mel*. Parecia que tudo estava completamente feito na minha vida... Será?

Duas semanas depois meu pai me liga ainda de madrugada; minha mãe morreu. O meu choque foi tão grande que me senti incapaz de deixar uma lágrima sequer escorrer pelo meu rosto. Miliany acorda e percebe a minha feição.

— O que aconteceu? – pergunta ela, confusa.

— Minha mãe morreu... – digo com a voz tão fraca que era quase impossível de se escutar.

— Sinto muito – diz Miliany, acompanhando-me na tristeza.

Miliany tentava me confortar, mas parecia que nada mais existia. Eu era vazio e o hoje não tinha tons e nem sequer cores. Senti formar um nó na minha garganta e então as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

— Não se sinta assim – disse Miliany, tentando me confortar.

— NÃO SE SINTA ASSIM COMO, MERDA?!! – pergunto em tom de fúria – Quando eu começo a achar que alguma coisa na minha vida vai dar certo dá tudo errado!! Isso tudo não passa de uma ilusão e logo você vai querer se divorciar de mim também...

Miliany me olha, espantada.

— Calma. Eu sei que você está triste e com raiva por causa da morte de sua mãe, mas por favor não jogue a sua fúria em mim – disse Miliany, com um tom bem mais tranquilo que o meu.

— Desculpe-me – eu disse, tentando me recompor.

Miliany me abraça.

— Devem levar o caixão ainda nessa semana – eu disse, ainda com o tom de voz fraco.

— Tente não pensar nisso.

— Acho que isso vai ser difícil.

Miliany me abraça para tentar me confortar.

Aquela noite foi um inferno. Uma noite de insônia, tristeza e ódio. Nem mesmo a vodca que eu mantinha guardada conseguia me fazer apagar. Saudades da época em que eu conseguia dormir.

O dia do velório chega. Vou com Miliany. Pelos menos meus óculos escuros conseguem tampar as lágrimas que estavam por sair.

Vejo pessoas que nunca nem sequer vi na minha vida no velório. Encontro meu pai com os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar.

— Calma. Vai ficar tudo bem... – eu disse enquanto o abraçava tentando confortá-lo.

O velório começa. As memórias de infância vem na minha cabeça e aumentam o meu sofrimento; angústia que me fazia querer morrer. Meus olhos se focavam no chão. Eu não queria olhar para o caixão no qual se encontrava a melhor pessoa que passou pela minha vida, a mesma que soube me entender nos meus piores momentos...

Observo; meu pai idem.

Eu não conseguia escutar as pessoas que falavam ao meu redor, pois a minha tristeza conseguia ser maior do que minha percepção.

Baixam o caixão e logo atiro flores no caixão. Percebo que Miliany está triste com a morte dela também.

Adeus, um ano desses a gente se encontra, mãe.

Capítulo 13

Os meus dias árduos se resumiam a beber, fumar e ficar trancado no quarto; nem conseguir pintar eu conseguia. O peso do pincel era muito para meu corpo incapaz de ser feliz. Miliany me *visitava*, tentando me alegrar fazendo palhaçadas e contando histórias engraçadas, mas nada conseguia trazer minha felicidade de volta.

Miliany bate na porta e logo depois entra.

— Amor, você tem que sair daí... – diz Miliany.

— Pra que? – pergunto, com a cara fechada.

— Se você continuar trancado aí vai agravar a sua tristeza e em breve vai entrar em depressão – alerta Miliany.

— Obrigado, mas sei me cuidar.

— Sério? Pois não parece.

Miliany me olha confusa.

— Cadê aquele artista, cheio de confiança, feliz e criativo? – pergunta Miliany.

— Eu sou apenas ser. Vazio – respondo.

— Vamos sair hoje. Anda! Vamos sair hoje senão você daqui a pouco entra em depressão sendo que tem uma esposa maravilhosa pra cuidar de você!

Miliany me puxa pela mão; me lembro dos momentos em que vivi ao lado dela. Ainda tinha motivo pelo qual viver.

Miliany veste um vestido amarelo e surge na minha frente.

— O que você acha? Muito justo? Muito claro? – pergunta Miliany, se virando para que eu possa fazer uma análise.

— Está bom – eu disse, rindo pouco.

— Que bom, pois quero ficar brilhando feito o Sol – disse Miliany, rindo.

— Obrigado por tentar me ajudar – eu disse com a voz fraca.

— Por tentar nada! Eu vou é te ajudar de um jeito ou de outro! – disse Miliany com tom de brincadeira.

Logo depois Miliany me arrasta para a rua.

— Veja só, não é lindo? Não é você que adora contemplar sobre a natureza e fazia poesias improvisadas? – pergunta Miliany, tentando me animar.

— Ainda gosto de contemplar! – respondi.

— Parece que achei seu ponto fraco, não é?

Acabo rindo. Enfim... Miliany era uma namorada muito boa, me lembra um pouco da minha falecida mãe...

— Observe esses pássaros! Observe esses gatos que estão andando por aqui! – exclama Miliany – Isso não é lindo e poético?

— É isso! É isso o que quero que você perceba! – diz Miliany – Por favor, não deixe com que o seu luto te consuma por completo.

— Sinceramente, tenho muita sorte por te ter ao meu lado.

— Ô se tem! Se não fosse por mim você estaria trancado naquele quarto intoxicando seu emocional cada vez mais.

— Te agradeço. De novo.

— De nada, meu querido!

Vi na natureza, coisas que eu não via há muito tempo. A beleza, o verde das plantas, os animais, os donos dos seus pets. Era uma tristeza horrível e eu estava deixando ela me comer vivo, me comer não... devorar!

Capítulo 14

A manhã nasce; Miliany já está de pé. Escuto um grito vindo da sala da casa.

— Amor? – pergunto por ela enquanto me direcionava para a sala.

— Você não vai acreditar no que aconteceu! – disse Miliany eufórica.

— O que?

— Você se lembra daquela editora dos Estados Unidos que eu te falei?

— Lembro.

— Então... eles aceitaram o meu livro e vou passar um tempo lá!

— Que bom, amor! – eu disse com a minha expressão ficando cada vez mais triste.

— Não fique assim – disse Miliany com um tom de voz confortante – Voltarei em breve.

— Por favor, volte em breve. Eu suplico.

— Vou voltar, não se preocupe.

— Quando é que você vai?

— Não sei... é questão de dias.

Me senti arrasado pela segunda vez só em questão de dias. Afinal, o que diabos estava me acontecendo?

Eu queria que os dias passassem mais devagar, mas os dias continuavam a correr rápido e isso me machucava profundamente.

Infelizmente o dia chega, sou incapaz de deixar uma palavra sequer sair de minha boca, então a única coisa que consigo fazer é abraçá-la; foi um dos abraços mais intensos e tristes da minha vida.

Enfim... assisti ela partir de pouco em pouco, depois de todos os momentos em que passei e ainda nem sequer me recuperei tão bem da minha tristeza.

Os dias passavam sem cor, sem vida, sem som, filme mudo. Era uma dança para ser dançada com chuva de lágrimas e angústia. Era um dos piores períodos da minha vida.

...

São 10 da noite, estou angustiado e resolvo ir num bar para beber e enfim conseguir apagar de sono. Miliany não está me ligando e nem mandando mensagens... que porra será que aconteceu?

Não me lembro de muita coisa do dia, mas me lembro de ter bebido muito. Uma moça veio até mim, era linda, mas nada comparada a Miliany.

— Oi, você está sempre aqui? – pergunta ela.

— Não... só quando estou decepcionado com a vida – respondo.

Nós dois estávamos completamente bêbados, ela começa a me beijar e então acabei por chamar um táxi para levá-la para casa para que pudesse se recuperar do efeito do álcool, a acompanhei até sua casa. Lá ela começou a beijar intensamente e logo depois ainda no transe, começamos a deixar nossos desejos nos comerem vivo fazendo-nos literalmente nos *comer*.

Os gemidos da moça me faziam ir ao auge do tesão, já nem sequer sabia quem eu era mais. *O que eu estava fazendo lá?* O nosso suor escorria pelos nossos corpos e os gemidos iam aumentando cada vez mais a frequência até o momento em que *gozamos*. Eu não sabia como reagir. O que raios eu estava fazendo ali com aquela moça que eu nunca nem sequer vi na vida?

— Qual o seu nome? – perguntei.

— Stephany – responde ela.

— Você trabalha com o que?

— Sou garota de programa. Olha você até que se sai bem no sexo.

— Merda, merda, MERDA! Eu não devia estar aqui com você!

— Por que?

— Eu sou casado. Não viu minha aliança?

— Normal, a maioria dos meus clientes é casado.

— E você não vai me cobrar?

— Não... você conseguiu *foder* melhor do que a maioria de meus clientes.

Eu comecei a coçar a cabeça desesperado. Todos os momentos que eu vivi com Miliany estavam por descer por água abaixo. Deixei o quarto em desespero e fui para a rua.

Fui para minha casa e deitei na minha cama, ainda em estado de desespero.

“*Mas que merda eu estava fazendo?*”, pensei comigo mesmo.

Logo depois meu sono fez com que eu apagasse de sono do mesmo jeito que cheguei em casa.

Foi uma semana tortuosa pra mim. Resolvi sair na rua; acabei por encontrar Felipe.

— Fala, seu traidor! – disse ele rispidamente.

— Não entendi – eu disse, confuso – Por que está me dizendo essas coisas?

— Você acha que eu não sei que você traiu sua mulher com uma puta barata não, né?

Engoli em seco, pois me lembrei de algumas coisas fragmentadas na minha cabeça.

— Quer saber? Não fala mais comigo! Não converso com traidor! – disse Felipe, com raiva – Ah, e tem mais: saiba que vou contar isso pra sua tão amada Miliany.

Miliany? Puta merda, já era tudo! Porra, eu sou um imbecil mesmo!

Felipe logo depois me dá um soco no rosto, quando caio no chão ele me dá mais um chute na barriga e vai embora.

Eu sabia que tudo estava por ficar pior. *Maldita prostituta! Se aproveita da minha pior condição para ir foder comigo e não só no sexo, mas sim com a porra da minha vida toda!*

...

Passam-se 2 dias, Miliany volta de viagem, mas não está com uma expressão muito boa.

— Acabou, Rafael. Acabou! – disse Miliany com a voz um pouco chorosa.

— Por que? – pergunto.

— NÃO SE FAÇA DE DESENTENDIDO, PORRA!! – grita
Miliany – VOCÊ ACHA QUE EU NÃO SEI QUE VOCÊ ME TRAIU
COM UMA PUTINHA BARATA?!!

— Mas...

— MAS É O CARALHO!! SE APROVEITA QUE UMA DAS
MULHERES QUE MAIS TE AMOU SAI DO PAÍS PRA IR ATRÁS DE
PUTA?!! POIS BEM, SE CASE COM ELA AGORA!!

— Posso me explicar...

— VÁ EM FRENTE!! CONTE SUA HISTORINHA!!

— Eu estava bêbado naquela noite e estava me sentindo
solitário...

— Mais essa agora... ESPERA EU VOLTAR, NÉ?!! AÍ VOCÊ
PREFERE MEIA-HORA DE SEXO DO QUE UMA VIDA INTEIRA DE
AMOR?!! PARABÉNS, VIU?!!

Miliany bate a porta agressivamente e eu vou atrás.

— Amor, você não está entendendo...

— Entendendo? O que eu não estou entendendo? Que você me
traiu com uma puta?

Vi o amor da minha vida partir por causa do grande filho da puta
que eu sou e estava condenado ao sofrimento emocional me sufocando até
me asfixiar.

Foram dias nos quais passei pensando em me matar e bebendo
litros de vodca por dia. Nada mais fazia sentido... *sou um grande babaca
mesmo!*

Encontrei uma pessoa que pode me fornecer morfina durante
todos esses dias de angústia e tristeza. Quando sentia a agulha penetrando
no meu braço e injetando o líquido era como se tudo voltasse a ficar bem,
mas eu sempre queria mais e mais. Ópio passou a ser meu amor da minha
vida, o meu vício, o meu beijo na boca, o meu *eu te amo*, o meu conforto de
todos os momentos.

Frequentemente eu tinha de usar casacos e moletons para
esconder as picadas de prazer que tinha nos meus braços.

Depois de sentir todas as agulhadas possíveis decidi visitar meu pai, o coitado estava morando sozinho e possivelmente sofria com a morte de minha mãe.

Chegando lá dou de cara com o cão dócil que pai tinha como única companhia.

— O que você está fazendo aqui?! – pergunta meu pai ríspidamente.

— Vim te visitar – respondi.

— Meio me visitar, é? Não gosto de traidores na minha casa, então dê o fora daqui.

— VOCÊ NÃO GOSTA, É?! VOCÊ MESMO ERA UM!!

— RAPAZ, NÃO LEVANTE O SEU TOM DE VOZ PARA MIM!!

— LEVANTO SIM, PORRA!! VOCÊ FOI O DESGRAÇADO QUE TRAÍÁ MINHA MÃE E FEZ COM QUE ELA ADQUIRISSE DEPRESSÃO E COM QUE ELA TENTASSE SUICÍDIO DIVERSAS VEZES!!

— SUA MÃE?! AQUELA VADIA ERA UMA IMPRESTÁVEL!! NÃO SERVIÁ NEM PRA CHUPAR UM PAU!!

— E VOCÊ NÃO SERVIÁ NEM PARA FAZÊ-LA TER UM ORGASMO NA VIDA!!

Meu pai tenta socar o meu rosto, mas cai no chão; ele está tendo um ataque cardíaco.

“*Caralho, o que eu faço?*”, pensei.

Quando menos pude reparar ele havia morrido na minha frente e logo depois o cão começou a chorar perto do corpo de meu falecido pai.

Foi um choque enorme. Eu estava decidido de que a vida é uma grande filha da puta. Tinha certeza de que queria me matar.

Voltei para casa e aumentei a minha dose de morfina; o suficiente para que eu morresse de uma *overdose*. Morri? Não, apenas desmaiei. Fechei as janelas da casa para que eu pudesse me injetar com maior liberdade.

Era um ambiente caótico. Seringas usadas, revistas pornográficas no chão, cigarros em cima da mesa e vodca derramada no chão fazendo a

casa ter um cheiro quase que insuportável.

Passei dias tentando me matar enforcado, mas sem sucesso. Arranjei uma pessoa com quem eu poderia comprar um revólver. Chegando em casa o pus em cima da mesa e comecei a lembrar de todos os momentos em que vivi junto de Miliany, todos os sorrisos, todos os beijos, todas as juras de amor, os sonhos... tudo já era e não tinha como voltar atrás. A amargura da nostalgia me consumia e então decidi fazer o que me parecia ser melhor naquele momento: me matei com um tiro na cabeça.

Não demorou muito para que eu perdesse a consciência.

Caro leitor, nessa vida decidi fazer tudo o que for preciso para manter o meu relacionamento com minha namorada. Quis seguir a carreira da minha doce Miliany, ser escritor. A verdade é que tudo não passa de uma ilusão e uma hora tem que acabar; nada é pra sempre.

Amei intensamente, achei que fosse durar para a vida toda, mas não durou. Por culpa minha? Talvez, mas nada sai como imaginado e tudo sai como improvisado.

Aqui deixo minha carta para Miliany:

Miliany,

foi muito bom durante o tempo em que estivemos namorando e também o período em que estive casado com você. Te amo muito, te amarei eternamente, apesar de eu ter sido um babaca com você. Entendo que você queria que tudo parecesse como um conto de fadas, mas a realidade é cruel. Eu queria morrer ao teu lado, mas eu mesmo fiz com que o pra sempre não durasse nem 2 anos. Te escrevo essa carta escrevendo do fundo de meu coração.

*Com amor,
Rafael*

Sobre o autor

Rodrigo G. Sousa é um compositor, escritor e poeta mineiro nascido em 2002. Sua escrita tem toques experimentais, assim como alguns traços românticos. “*A Perfeição do Desastre*” foi originalmente escrita em 2019, com o personagem principal recebendo o mesmo nome do autor, mas devido a controvérsias o nome foi alterado.

Epílogo

Na história o personagem principal toma o papel de “escritor” do livro, enquanto narra eventos de sua vida passada. Qualquer similaridade encontrada em *A Perfeição do Desastre* não tem relação alguma com a realidade. É um livro no qual o personagem relembra de tudo o que pode recordar sobre sua vida passada, tendo em mente de que o caos sempre se inicia para que haja paz.